



Mosteiro de Voreppe

Coberto de florestas impenetráveis, o departamento de Isère é um dos que apresenta mais pontos notáveis, tanto aos pintores como aos naturalistas.

Em Isère o clima varia segundo o lugar em que se está: nas planícies aridas experimenta-se no verão um calor intenso e vento impetuoso, nas planícies lodosas uma temperatura mais amena; os vallados profundos oferecem numerosos exemplos da irregularidade na atmosfera: após um ardente calor sucede um inverno rigoroso, finalmente, no cimo das montanhas o verão e o inverno sucedem-se sem intermediário, de forma que, por assim dizer, ali há só duas estações, sendo mais longa a do inverno.

As montanhas de Isère são habitadas por gente activa e industriosa, similares em tudo à maior parte dos montanhezes da Europa.

Entre os monumentos curiosos de Isère cita-se o mosteiro de Voreppe, de que hoje apresentamos a gravura aos leitores do nosso semanário.

No fundo d'uma garganta abandonada, num sitio a que chamam o *deserto*, cuja guarda foi confiada aos religiosos, eleva-se um rochedo pyramidal (*l'Oillet*), como um gigante, que está prompto a defender a entrada. Quando se tem transposto estas novas Thermopyles depara-se com o mosteiro, levantado ha mais de cem annos sobre as ruinas do edificio gothico que S. Bruno fizera construir no século XI e que o fogo do céo tinha consumido.

Estas construções compõem-se de casas irre-

gulares assentes em terreno muito desegal ao baixo do Monte Grason, cujos cimos dominam uma parte da ramificação dos Alpes.

D'esde maio até setembro, unica época em que os caminhos não estão interceptados pela neve, vai ao mosteiro grande numero de curiosos ou de artistas, e ali tem abrigo e frugal refeição. Eis em resumo alguns costumes e usos dos religiosos.

O mosteiro encerra vinte e sete religiosos e quinze irmãos serventes. Vestem todos hábito branco. E-lhes defeso o uso de roupa branca tanto na cama como no corpo. Fazem uma quaresma de oito meses. Pódem beber vinho, mas não comem nunca carne, nem vão ao refeitório senão às quintas feiras e dias de festa. Vão a passeio uma vez por semana e nesse dia sómente podem falar. A regra interior impõe-lhe um silêncio absoluto.

Os religiosos mais novos tem sempre estampado o sofrimento no semblante, enquanto que os mais idosos parecem mais felizes e satisfeitos. Cada religioso tem uma cella composta de tres casas e um jardim.

Todos os religiosos se deitam ás seis horas da tarde e levantam-se duas vezes, a diversas horas da noite, para ir ao côro elevar os seus canticos ao Altíssimo.

Quando fallece algum religioso é para elles um dia de festa e regosijo, porque o céo abriu as portas a um dos seus eleitos!

Mais poderíamos adduzir a respeito do pitto-

resco departamento de Isère, mas o limitado espaço de que dispomos não nos o permitte.

O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUVARNAIS

e as memorias que lhe são relativas.

... ab auditione mala non timebit.

Ps. CXI 7.

IX

Como vimos no artigo antecedente, o Príncipe Eugénio, por muito moço ainda, não pôde seguir em todos os promenores as circunstâncias que precederam e produziram o *golpe de estado*, que na história é conhecido pela designação do — 18 brumaire. Apenas pôde mencionar uma ou outra particularidade, que o serviço a seu cargo lhe permitiu presenciar.

Oucâmol-o, assim mesmo.

Desde os primeiros dias de *brumaire* houve frequentes entrevistas e conferências entre o general Bonaparte e outros personagens notáveis do governo e do exército. Houve igualmente uma activa correspondência secreta, da qual muitas vezes foi intermediário Eugénio; e com quanto ignorasse este o conteúdo das missivas, pôde muito naturalmente desconfiar que se estava preparando um grande acontecimento. Mais fortemente engrossaram as suspeitas, e as duvidas se dissiparam, desde que Eugénio e as pessoas ligadas ao general receberam ordem para terem prompts os cavalos e as armas.

Nas noites antecedentes ao 18 brumaire foi Eugénio mandado a casa de Moreau, e á de Garat; e na manhã daquela dia (9 de novembro de 1799, como já dissemos no artigo VIII) foi anunciar ao Conselho dos Quinhentos, que o general tencionava transportar-se ao seio da assemblea. Eugénio declara que desempenhou com grande timidez a mensagem de que fôrça encarregado, por ser a primeira vez que fallava em público, e demais em presença de uma importante assemblea política.

Não tardou em chegar o general Bonaparte. Proferiu um extenso discurso, no qual pintava a situação desgraçada da França e a fraqueza do governo, fazia sentir a necessidade de remediar os males públicos, e terminava pela proposta da deposição do Directorio, e pela transferência dos dois conselhos para Saint-Cloud. Esta proposta foi adoptada, por grande maioria de votos, pelo Conselho dos Anciãos (*Anciens*), — parecendo que os respectivos membros estavam de acordo com o general. Desde logo foi conferido a Bonaparte o commando das tropas, e lhe fôrâm outorgados os poderes necessários para dar execução à providencia que acabava de ser deliberada.

Ao sahir da sessão, dirigiu o general uma allocução ás tropas; fallou com energia, e disse-lhes que só nellas depositava confiança a pátria para a sua salvação. As tropas respondêram com entusiasmo a este appêlo. A esse tempo já ao general Moreau tinha sido mandado que se assenhoreasse do palacio do Luxembourg, e expulsasse d'ali os membros do Directorio.

No dia seguinte marchou o general para Saint-Cloud, onde estavam reunidos os dois Conselhos. Eugénio pôde avaliar quanto corria agitada a discussão no Conselho dos Quinhentos, ao reparar nas continuadas idas e vindas de muitos dos

membros da sala das sessões para o gabinete do general. Viéram por fim anunciar a Bonaparte que as cousas haviam allí chegado a um tal estado, que se tornava indispensável a sua presença; sahio imediatamente para passar ao Conselho dos Quinhentos, e no transito foi rodeado pelos grupos de militares, que manifestavam grande excitação. Sucedendo que alguns granadeiros se apinhasssem em volta de Bonaparte, ficou Eugénio separado do general, e por isso muito imperfeitamente pôde ver a entrada deste na sala das sessões; mas ouviu distintamente, e muito impressionáram, os gritos: *Fóra da Sala! Abaixo! Fóra da lei o general Bonaparte!*

Bonaparte retirou-se da sala em estado de grande perturbação. A situação era por extremo critica; vencêr, ou perecer ignominiosamente! Voltando aos páteos do palacio, fallou com vele-mência ás tropas, e deu-lhes ordem para fazerem evacuar a sala por meio da fôrça, — ordem esta, que sem detença foi executada. Foi logo estabelecido o governo dos consules provisórios, por deliberação do Conselho dos Anciãos, e de acordo com a minoria do Conselho dos Quinhentos que havia ficado em Saint-Cloud. O restante dos membros deste ultimo Conselho tinha fugido através dos jardins, dando de mão aos uniformes, insignias, etc., de seus cargos.

Por volta da meia noite ordenou o general que Eugénio fôsse participar a sua mão o que havia sucedido, e tranquillisá-la do desassocêgo em que naturalmente havia estado.

— Um incidente da violenta e tumultuária scena, que acabamos de descrever, é apontado pelo Príncipe Eugénio com a fidelidade própria do seu carácter, e com o escrupuloso amor da verdade que lhe era habitual. «*Não vi, diz o Príncipe, não vi levantar nenhum punhal sobre Bonaparte*; mas nem por isso posso afirmar que tal não sucedeu.»

A critica histórica impugnou o facto que naquella época foi asseverado, pela imprensa, de que ao peito de Bonaparte fôram apontados alguns punhaes. Um dos argumentos da critica, é a declaração formal do Príncipe Eugénio, reforçada aliás pela circunstância de que nenhum dos amigos do general, que admittiram a existencia do facto, declarou ter visto o levantamento de punhaes. Demais, todas as testemunhas oculares e historiadores daquella tempo negam energeticamente o facto; e quando apareceu a imputação contra Arena, nem uma só pessoa pôde provar a accusação. Ainda outro argumento: no relatorio de 20 brumaire, exarado no *Moniteur*, redigido aliás pelos parciais do golpe de estado, não se encontra uma só palavra sobre o facto; e apenas no outro dia foi mencionado o nome de um granadeiro, que aparâra a punhalada, sem contudo ser victima. A verdade é que muito facilmente podia ser apunhalado o general Bonaparte no meio daquella confusão; e tanto assim, que sahia elle com os vestidos rasgados.

Vejâmos o que os historiadores narram a respeito do que sucedeu na sala das sessões do Conselho dos Quinhentos.

Tratava-se de deliberar se convinha prover imediatamente á substituição de Barras, que acabava de anunciar a sua demissão de membro do Directorio, — quando repentinamente se abre a porta, e dá entrada o general Bonaparte, ro-

deado de granadeiros armados.... Apodera-se logo da assembléa um vivo sentimento de indignação; alevantam-se todos os deputados, e a grandes brados se ouve exclamar: *Que é isto? espadas aqui!... homens armados!*... Alguns deputados mais fogosos arremessam-se de suas cadeiras, circundam Bonaparte, repellem-no, e o opprimem com invectivas: *Fóra daqui! fóra da lei o dictador!*... — «Que fazeis, temerario? violáes o sanctuario das leis!» lhe diz Bigonnet. E Destrem, avançando para Bonaparte, lhe diz: «É para isto que tens sido sempre vencedor?» Outros o tomam pela góla da farda, o abanam com violencia, e lhe lançam em rôsto o seu traiçoeiro procedimento.

Bonaparte, que tinha vindo para intimidar, intimida-se, descóra, e cahé em delíquio nos braços dos granadeiros, que o trazem para fóra da sala. (1)

Esses gritos que apresentavam Bonaparte como dictador, como tirano, mais justificados se tornaram á hora em que o general mandou empregar a fórcia bruta das bayonetás contra a representação nacional, arrancando violentamente dos seus assentos os deputados que apenas podem vingar-se soltando o derradeiro grito: *Viva a República!*

Embora seja verdade que todos os partidos, como diz M. Thiers, corrêram ao encontro de Bonaparte, pedindo-lhe a ordem, a victoria e a paz; embora o governo do consulado fosse, como de feito foi, mil vezes mais glorioso, mil vezes mais prestavel á França, do que o governo do Directorio, — nem por isso deixa de ser brutal e tirannico o modo porque um soldado feliz e audacioso se houve para com uma assembléa de representantes da nação.

— No que respeita ao Príncipe Eugenio, do qual nos desviámos um pouco, é justo dizer que nas suas *Memorias* expressou com fidelidade e discrição as recordações de um acontecimento, em que não influiu, e de que apenas presenciou algumas phases.

No artigo imediato veremos a posição em que o collocou o golpe de estado do 18 brumaire, e o acompanharemos até á occasião em que na Itália se peleja uma batalha memorável.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

MARTYR DE AMOR

(Continuado de pag. 312)

IV

Contrastes

Christovam de Almeida era um excentrico.

Embalara-o o capricho da sorte sobre a onda social, submergindo o umas vezes no pelago da obscuridade, para a curtos espaços lhe erguer a cabeça ao lume d'água, e balouçal-o temporariamente nos deleites e vicissitudes da vida de melhor sociedade.

N'esta escola de alternativas se formará o seu espirito, flexivel e accomodavel a todas as physionomias com que a fortuna o procurava. Hoje

(1) Vêja — *Histoire de la Révolution Française par M. A. Thiers*, tomo 8.^o pag. 382 e 383 — edição de 1830.

— *Histoire de Napoléon 1^o par P. Lanfrey* — tomo 1.^o pag. 471 e 472.

nos bailes sumptuosos da corte, sabendo dizer phrases galantes, sem pretenção, ás damas do bom tom; ámanhã no grabato de uma estalagem da aldeia, peregrinando ao sabor do vento do destino e tendo um dito picante para irritar a sensibilidade da gorduchuda moça da locanda; umas vezes trajando com elegancia e esmero, encerrando em fina luva de Baron a sua mão vigorosa; outras, domando com mestria os impetos do cavallo fogoso e traiçoeiro que o acaso lhe deparava para seguir jornada, calcando grosseira luva de anta, ou deixando tisnar pelos ardores do sol a cutis da mão, e envolvendo-se em farta jaleca de pelles ou em amplo albornoz de sarragoça; — tal era o homem a quem a sorte, adversa ou prospéra, achou sempre com um sorriso nos labios e uma virtude no coração. Judeu errante da actualidade, caminhava sempre na estrada da vida, sem querer sacrificar a sua liberdade individual a troco de um talher no lauto banquete do orçamento, onde os pequenos mal chegam, em geral, a lambem com avidez as migalhas dos pratos, devorados pelos magnates; cavalleiro andante da sociedade moderna, lá se ia por esse mundo fóra proclamando a belleza da sua Duleinéa, que era a independencia, sem investir com moinhos, que elle muito acatava como machinas de preparar o alimento do homem, mas correndo lançadas em prol de todas as idéas nobres, generosas e liberaes, que ouvia discutir com menos lucidez de razão ou tratar com menos acatamento.

Eis o desenho moral do homem que vimos ensinando uma philosophia talvez menos orthodoxa em face dos costumes sociaes, ao joven Claudio, que, por ligações de educação, o considerava quasi como irmão mais velho.

O moço aspirante de marinha, educado fóra do aninho do lar domesticó, pela precoce orphandade da mãe, que obrigara seu pae a confiar-o ao internato d'um collegio, trazia o espirito, embora culto e desenvolvido, saturado de todos os pequenos defeitos que costumam ser peculiares ás creanças educadas em commum, longe da santissima influencia d'essa creatura meia divina, meia humana, que Deus nos collocou á borda do berço e que se chama, mulher.

Aquelle doce attrito que exerce no espirito infantil o espirito delicado e sensivel da educadora, — maiormente se esta missão é desempenhada por aquella a quem naturalmente incumbem os deveres da maternidade, — aquella meiga soliditude que desenvolve o cerebro ao mesmo tempo que forma o coração, não a recebera o nosso Claudio; e por isso no primeiro sentimento, que se lhe desenvolvera no peito ao sol vivificante da plena juventude, não havia aquelle cunho de espontaneidade que torna as affeições filhas exclusivas do coração. A cabeça partilhava tambem n'elle a paternidade dos affectos, e na existencia da sua paixão, em vez de ser o coração que lhe subisse á cabeça, segundo a chistosa phrase de Manuel Roussado, pelo contrario se podia dizer que era o cerebro que descera ao coração, para dar conta do acto psychologico a que elle denominava amor.

D'aqui nasciam as desharmonias e contrastes que se notavam nas expansões do seu affecto, ora meigas, suaves e frivolas como o rumorejar da brisa matinal por entre a verdura dos rosaes, ora impetuosas e delirantes como o rugir desen-

cadeado do tufão por entre os ramos estalados de vetusto pinheiral.

Christovam, para quem o amor significava a corrente magnética do coração, não podia tolerar ao moço aquelles languidos devaneios em que o espirito se lhe esmaecia a contemplar a sombra de um affecto, que ao sol do capricho se projectava da imagem vaporosa de Lucia. Para elle, que sentia a alentar-lhe o robusto corpo uma alma vigorosa e impressionável, não podiam existir esses meios termos de um affecto de convenção, equidistantes da indiferença e do amor, commodo abrigo para as commoções violentas, especie de seguro contra os incendios da paixão; para elle o amor, essa emanacão absoluta do Eterno, não podia soffrer restrições que lhe modifcassem a indole: ou o excitamento da impressionabilidade despertava a fisea adormecida no coração e em chamas e calor se lhe desentranhava lá dentro o fogo do sentimento, ou os gelos da indiferença continuavam condensados a guardar lá no íntimo bem latente a scintelha sagrada. Para o seu espirito, e no assumpto sujeito, o *to bi, or no to bi; that it is the question* do Hamlet, tinha traducção cabal assim: *amar ou não amar é toda a questão da vida.*

De igual molde não era o espirito de Claudio, o qual aceitaria resignado e contente aquelle *statu quo* das suas relações com Lucia, que significavam muito pouco, da parte d'ella, para se poderem francamente denominar amor, mas que tinham mui larga significação tambem para se lhe poder apenas chamar singela indiferencia.

Era por isso que o seu mentor o estimulava com o acicate d'aquellas exortações como a que o leitor escutou, e como outras precedentes que haviam dado de si o fructo de um dialogo mais ardente e apaixonado com a joven tyranninha, como se exarou em um dos primeiros capitulos d'esta narrativa.

O animo frouxo de Claudio precisava d'este alimento estimulante e fortemente condimentado, como convém aos asthenicos.

Mas era ficticio aquelle excitamento de um instante, e, separado do seu amigo, o moço aspirante recolhia-se ao seu quarto, engolphado de novo no seu extasi de languidez, tomado outra vez da asthenia moral que lhe entorpecia a actividade do affecto; mas disposto do que nunea a queimar os incensos da lisonja e do servilismo ante a altivez da sua joven tyranna, esperando com a embriaguez d'aquellos aromas amolecer-lhe o animo assoberbado por um perigoso desvaneccimento pueril.

Então escrevia longas cartas, qual d'ellas em estylo mais de jeremiada, diluindo em lagrimas os queixumes contra a severidade inflexivel d'aquelle coração de amante, inatacavel pelo fogo de um affecto.

Outras vezes buscava nas fórmulas metricas, arrabicadas em artisticas combinações, o vehículo onde dissolvesse o principio activo do seu sentimento; e a lyra, rebelde em traduzir conceitos, que o calor da inspiração não animava, davalle palidas e frouxas consonaneias, porventura agradaveis ao ouvido, mas insusceptiveis de irem excitatar o entusiasmo n'um peito naturalmente frio e pouco impressionável.

E que as poesias, como os sentimentos, nasciam da cabeca; eram como as severas linhas

de um calculo geometrico, em face de um despretencioso esboceto de inspirado artista. Valeiam como primores de calculo, não tinham significação como lampejos da alma; seriam uma arithmetica de palavras, não eram de certo hymnos do coração. Por isso aquelle namoramento das duas creanças permanecia de ha longos meses estacionario e immovel, como crysalida morta no casulo, sem que houvesse calor que lhe desenvolvesse dentro a brillante borboleta de azas iridiadas, ou como raiz soterrada já sem vida, de que não podesse o orvalho do ceu fazer germinar promettedores rebentos.

E a donzellinha, caprichosa e desvanecida de encerrar a existencia do mancebo n'aquelle interminavel parenthesis, sorria satisfeita, sem cuidar em dar nova feição a um namoro, que tão bem se lhe quadrava com a indole pouco expansiva.

Aos paroxysmos intermitentes de Claudio correspondia com as tisanas narcoticas de abstrusos raciocinios e falsas theories; ás meigas e monotonas manifestações da sua habitual indolencia d'animo, retribuia com maior indolencia e mais frivolidade de sentimento.

Christovam de Almeida é que não comprehendia a possibilidade d'aquelle monotonia.

Para elle o amor tinha outra significação.

(Continua)

C. B.

Vêde em Inglaterra a multidão de seitas que fazem do sentimento religioso o objecto do mais vivo ardor e assiduas meditações. A Inglaterra é, portanto, o primeiro paiz da Europa para o trabalho, para a producção e para a industria.

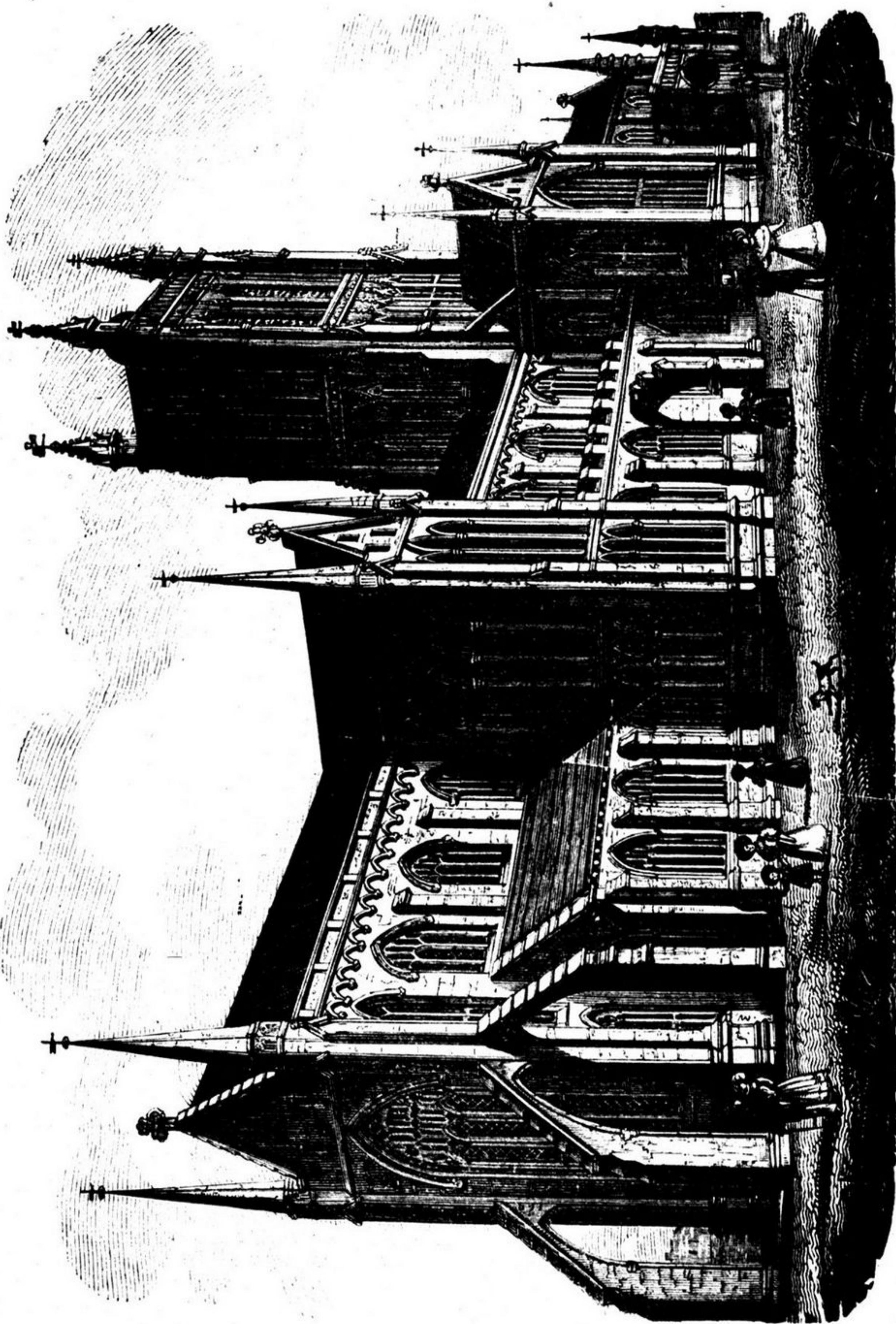
Vêde a America: mais feliz que a Inglaterra, pois não tem como ella um clero que reclama e mantem a oppressão d'uma vasta província, sob o protetor de ser catholica; a America cobre os mares com o seu pavilhão: entrega-se mais do que nenhum outro povo à exploração da natureza physica; e todavia, tal é alli a autoridade do sentimento religioso que muitas vezes uma familia é dividida em diferentes seitas, sem que esta divergência perturbe a paz e a affeição domesticas, nem impeça que os membros d'aquelle familia, se reunam na adoração d'uma providencia justa e beneficente, como os viajantes se encontram com alegria ao fim que ella attinge por caminhos diversos.

BENJAMIM CONSTANT

CATHEDRAL DE WORCESTER

A primeira egreja de Worcester foi construida no anno 680, e dedicada na sua primitiva a S. Pedro; mas no seculo seguinte teve geralmente a invocação do santo nome de Maria. Foi primeiro administrada por seculares mas o rei Edgar deu depois a sua administração ao poder temporal. Em 1011, os soldados d'Hardicnute saquearam a cidade e devastaram a egreja, que foi reparada, quarenta annos depois, pelo bispo Wolstan, ao qual se deve em grande parte o edificio que hoje subsiste, apesar de ter soffrido os insultos de dois incendios, um em 1013 e outro em 1202.

A fórmula d'esta cathedral é a de uma dupla cruz. A architectura é gothica; cada diferente parte do edificio termina por elegantes agulhas,



Cathedral de Worcester

mas, á excepção da torre, tem menos ornamentos do que em geral tem outros monumentos do mesmo genero.

Durante as perturbações do reinado de Carlos I, os bando

s do partido do parlamento apoderaram-se de Worcester e commetteram as mais revol- tantes profanações. Destruiram tumulos, a capela do Capítulo foi transformada em quartel, saquearam a biblioteca, e os objectos, os mais venerandos, serviram de joquete aos profanadores. Entre os mausoleos que escaparam a esta terrivel devastaçao cita-se o do rei João, que está

colocado em frente da capella-mór. A estatua, de tamanho natural, está deitada sobre o tumulo, tendo um sceptro na mão direita e na esquerda uma espada, com a ponta enterrada na garganta d'um leão, que está aos pés do rei. De cada lado ha uma estatua de menores proporções, que são as dos bispos Osivald e Wolstan, entre os quaes este principe teve desejo de ser collocado por um sentimento supersticioso, que o persuadia de que a presença d'estes santos varões afugentariam os espíritos malignos. O rei falleceu em 1216, mas, tendo-se suscitado duvidas sobre o local em que tinha sido depositado o cadaver, fez-se, em 1797, uma curiosa excavação, e encontraram os restos do rei João debaixo do monumento. Pareciam, ao que pôde julgar-se, terem sido revestidos de vestes exactamente semelhantes ás da figura deitada sobre o tumulo, á exceção da corda, que fôra substituida por um capuz de frade. A roupa que cobria o rei João parecia ter sido de damasco carmezim. Tinha o braço esquerdo pousado sobre o peito, e a manga que o envolvia estava ainda em bom estado. Encontraram tambem os fragmentos d'uma espada e da bainha, cujo trabalho artístico parecia superior ao da propria folha.

Entre os bispos de Worcester, distingue-se Wolstan, segundo d'este nome, que, em 1062 se oppoz tenazmente á moda de se usar os cabellos compridos, e pouco satisfeito com o resultado que obtiveram as suas palavras, tomou a singular resolução de cortar elle mesmo, bocados de cabellos da cabeça d'aquelles que se inclinavam diante d'elle para receber a sua bênção, e apressava-os então de consummar o sacrifício.

Gugh-Latimer, um dos primeiros reformadores da egreja anglicana, foi elevado á dignidade de bispo em 1535.

Era proximo de Worcester que existia a arvore que os infortunios de Carlos II tornaram celebre: era conhecida pelo nome de *arvore real* e foi por muito tempo objecto d'uma especie de culto.

A SCIENCIA DA LINGUAGEM

III

Vamos agora expôr estas leis e estes resultados geraes da sciencia. Os dois ou trez exemplos que citâmos e a que podemos acrescentar centos e milhares d'outros sem dificuldade, fazem-nos distinguir nas linguas como a nossa duas qualidades d'elementos. Um é pouco variavel, monosyllabico, é a raiz. Tem significação propria, reune n'uma mesma familia as palavras de que elle é base e exprime a idéa fundamental contida em cada uma d'ellas; é por exemplo, *sta* nas palavras *stare*, *status*, *station*, e em todas as suas derivadas. O outro elemento junta-se á raiz, varia segundo a idéa accessoria ou a modificação que se quer fazer na idéa fundamental; tem uma ou mais syllabas, constitue a terminação das palavras e sofre todas as alterações exigidas pela declinação para os nomes e pela conjugação para os verbos. E' movel e como é elle quem dá ás palavras a forma grammatical podemos dizer que é o seu *elemento formal*. São, por exemplo, as desinencias o, as, a, amos, ais, ão, no presente do verbo amar. A analyse tem provado que qualquer

que seja a palavra que examinemos n'uma dada lingua, os elementos que a constituem pertencem a uma d'estas duas categorias; mas quando encaramos as linguas só por este lado e as compararmos entre si e as classificamos segundo o papel que ahi representam estes dois elementos constitutivos, tem se reconhecido que elles se dividem em duas grandes classes separadas por diferenças importantes. Em linguas como o latim, o hebreo, o sanserito, a parte formal está unida estreitamente ao monosyllabo radical, e forma com elle um todo organico, uma especie d'unidade viva e individual. Esta união é tão perfeita que muitas vezes os elementos juxtapostos não se podem discernir á primeira vista; se nos occuparmos d'um idioma moderno derivado d'uma lingua antiga, tanto um como outro parecer-nos-ha ás vezes que desapareceram completamente: é o que se dá nas palavras francesas *fée*, *porche*, *mieux* que vem das latinas *fatum*, *porticus*, *melius*. As alterações que soffrem as terminações quando se passa d'um caso para outro, ou quando se muda a pessoa, o numero, o tempo, o modo ou a voz em um verbo, tem feito dar ás linguas d'esta categoria o nome de *linguas de flexões*. Esta primeira classe comprehende todas as linguas da familia semítica cujas principaes são a hebraica, a arabe, e a chaldaica. À medida que remontamos d'uma lingua mais moderna a outra mais antiga, vemos os elementos que estavam confundidos reaparecer com a sua forma completa, e desde esse instante já nos é possivel analysal-os. A segunda categoria compõe-se principalmente das linguas chamadas *toranianas*; os povos que as fallam ocupam uma grande parte do antigo continente, ao norte e ao sul, desde o Japão até à Hungria e desde as ilhas do Pacifico até ao paiz dos Laponios. São em grande numero os dialectos que ellas comprehendem, e variam muito d'umas tribus para as outras: acontece muitas vezes que apenas os fallam alguns milhares de homens: poucos d'estes dialectos pertencem a populações mais importantes, como o hungaro, o tureo, o tamul, o thibetano, e o chinez. O que caracterisa todos estes idiomas é a invariabilidade dos elementos das palavras e a ausencia de flexões grammaticaes; mas se attentarmos nas duas linguas que formam por assim dizer os dois termos extremos d'esta longa serie, o tureo e o chinez, deparase-nos uma profunda diferença entre elles. No tureo o elemento radical e o formal são claramente distintos um do outro, não se confundem e podemos separal-os á vontade; além d'isso, na parte formal d'uma palavra cada syllaba tem o seu valor constante e compõe-se de letras d'entre as quaes só a vogal pôde ser modificada pela reacção das syllabas visinhas. Pôde-se portanto, compor o diccionario tureo de duas partes; uma, a mais extensa, conterá as raizes que dão ás palavras o seu valor attributivo; a outra será uma simples lista dos elementos formaes com o emprego de cada um d'elles na formação grammatical das palavras. Para fazer uma palavra bastaria tomar a raiz que expressasse a idéa e pôr-lhe ao lado as syllabas formadoras de que carecessemos. Estas ultimas collocam-se umas junto das outras, e assim formam figuras cuja unidade é deviда unicamente á juxtaposição e á ordem das partes componentes. Tomemos por exemplo, a raiz *sev* que exprime a noção vaga de amar: juntando-lhe

er fica *sever* que quer dizer amando; se lhe acrescentarmos *im*, obteremos *severim* que quer dizer eu amo; se empregamos *mek* fica o infinito *seymesk* amar; intercalando *ish*, forma-se *sevishmek* amar-se um ao outro; com *dir* intercalado tambem temos *sevishdimek* fazel-los amar-se um ao outro, e assim por diante até ao infinito. Substituindo a *sev* outra raiz teríamos em resultado palavras com as mesmas formas exteriores mas com diferente significação. Ora em todas estas palavras turcas, as syllabas formaes em geral não tem senão um valor puramente grammatical e de si não tem nenhuma significação; são como *ava* em *amava*, *ais* em *j'aimais*, *bam* em *amabam*, tanto sanscrito *amrita*, ambrosia.

Entre estas linguas e as de flexões ha uma analogia e uma diferença, analogia, porque as palavras em ambas são formadas por dois elementos dos quaes só um tem significação; diferença porque nos idiomas como o turco estes elementos são juxtapostos e não soffrem alteração nenhuma.

Emfim na lingua chinesa não ha diferença entre os elementos das palavras: são todos eguaes entre si, monosyllabicos e dotados d'uma significação completa. Não são mais do que elementos materiaes, invariaveis, absolutamente inflexiveis e cada um d'elles é uma palavra da lingua e tem o seu logar no vocabulario. Para enunciar uma idéa complexa, uma relação de tempo, logar, pessoa ou acção, é necessario recorrer a duas ou mais d'estas palavras e proximal-as umas das outras n'uma ordem que varia segundo a idéa que queremos exprimir. O numero d'estas raizes que não tem mais de duas ou trez letras é muito limitado e não excede a quatrocentas e cincoenta; mas como as linguas dos confins da Asia são cantantes, a variedade da intonaçao muda a significação d'estas raizes e eleva lhe o numero a mais de mil e duzentas. Com estas palavras os chinezes formaram grupos a que não podemos chamar palavras compostas e que sobem a perto de cincoenta mil. É evidente que n'uma lingua como esta o numero das palavras é realmente illimitado, porque é sempre possivel juntar a um grupo um elemento que lhe mude o valor e até crear grupos inteiramente novos; mas seja qual for esta palavra não tem por isso nenhuma forma grammatical e o espirito distingue logo todos os elementos sem empregar na sua separação esforço algum d'analyse.

Assentes estes trez grandes factos a historia das linguas recebe d'elles uma grande luz que nos leva ao descobrimento da lei que regula a sua formação. A analyse, por meio da qual establecemos as genealogias das linguas, mostrou-nos na mais complicada o elemento flexivel a modificar-se com o tempo a ponto de quasi não se poder reconhecer; depois mostrou-nos a proporção que recorriamo a cadeia das linguas derivadas, elo por elo, que estas formas são cada vez mais completas e mais facil o separal-as.

Assim em *mais* é impossivel separar a raiz da flexão; mas já se pode realizar essa operação no latim *magis*, donde sahiu o francez *mais*, e distinguimos então claramente a raiz *mag*, que está em *magnus*, e a flexão *is*. Entre o latim e o turco a diferença é muito menor do que entre o turco e o francez. O sanscrito, que talvez não

seja mais antigo do que o latim, mas que se alterou menos, patentea muito melhor os seus elementos, porque, por um lado cada um d'elles está n'um estado mais completo, e pelo outro como as leis euphonicas d'esta lingua são perfeitamente definidas, é possivel muitas vezes restituir a um elemento transformado a sua forma pura e original. Ora n'esta lingua reconhecem se imediatamente dois factos importantes. Os elementos formaes das palavras foram todos, do mesmo modo que as raizes, primitivamente monosyllabicos e pode-se em muitos d'elles descobrir claramente raizes antigas, algumas das quaes são ainda usadas no discurso. Assim, na conjugacão dos verbos, a analyse, separando as terminações das pessoas (mi, si, ti, mas, etc.) descobre n'ellas os pronomes pessoaes. Resulta d'estes dois factos, cuja generalidade a analyse nos demonstra a cada passo, que as linguas de flexões foram primitivamente linguas monosyllabicas compostas como o chinez de raizes attributivas. O mesmo facto se observa nas linguas da categoria do tureo; temos, portanto, direito para concluir que estas linguas foram tambem originariamente compostas de monosyllabos.

(Continua)

A POESIA E A MULHER

A sublime linguagem da poesia só devêra, n'este mesquinho mundo de vis interesses e baias misérias, ser pronunciada por esse anjo, que Deus nos pôz junto ao berço, para acariciar os nossos poimeiros vagidos; que nos deu por companheira no peregrinar da vida, para nos confortar das agruras do caminho; e que por fim nos collocou ainda ao pé do leito mortuário para nos cerrar piedosamente os olhos no dormir do sonno eterno, regando, com doces lagrimas, as rosas que a sua mão sollicita vae depôr em torno da nossa campa. É que a mulher, ou seja mãe, ou amante, esposa, irmã, ou filha, é o anjo baixado á terra... e a poesia é a linguagem dos anjos.

Quando nós, os homens, no repousar das lides, em que a ambição quotidiana nos traz de continuo empenhados, ousamos empunhar a lyra, para traduzir em melodias as expansões suaves dos sentimentos que se nos aninham dentro d'alma, podemos conciliar com os mimos da harmonia a expressão de conceitos muito elevados e sentimentoaes; mas não sabemos de certo banhar com os esfluvios de uma espontanea sinaleza os hymnos que nos brotam, sem artificio, dos areanos do coração. Os terrenos de primorosa cultura, onde lourejam abundantes messes, não produzem, — escondidas na sua modestia, mas denunciadas pelas suas fragrancias, — as timidias violetas. É entre as humildes gramineas, que o orvalho do ceu faz nascer espontaneas do solo quasi inculto, que vae deliciar-se a mimosa florinha.

É assim a poesia nativa, despretenciosa, natural, inculta. Desabrocha sob a benefica influencia do sol da inspiração, nos espiritos feminis, n'esses delicados e incompreensiveis mysterios do Creador, cuja illustração é muito mais do sentimento do que do raciocinio, muito maior no coração do que na cabeça.

A melodiosa poetisa das solidões de Pinteus, e

a modesta cantora das *Flores singelas*, as duas mais prometedoras vocações feminis que o sol da litteratura fez desabrochar recentemente, no paiz outr' ora illustrado por tantas damas insignes, são duas provas do que vale o raio da inspiração na alma da mulher superior. D. Maria Amélia Vaz de Carvalho causa assombro aos seus admiradores, pela profundeza de sentimento e de ilustração que a gentil menina enthesourou nos colloquios com as flores silvestres dos seus campos, com as arvores das suas collinas, com os rouxinos do seu jardim. D. Julia de Gusmão, inspira-se no isolamento como a violeta, e envia do seu modesto retiro á amplissima atmosphera da publicidade os perfumados canticos que a tristeza lhe segredou.

A mulher é assim! adivinha os segredos do bello, devassa os mysterios da harmonia, profunda os arcanos da arte, pelo só influxo da inspiração. Rasga, de um voo ousado, o espaço, que o espirito do homem, guiado pela luz do raciocinio, transpõe ás vezes lentamente. É que, embora o espirito do homem tenha mais fogo, o da mulher tem, inquestionavelmente, mais luz; aquelle será mais profundo, este é de certo muito mais brilhante.

A exim.^a sr.^a D. E. de M. é uma formosa donzella em todo o esplendor da existencia. Das graças e encantos do seu rosto juvenil não saberia fazer-vos descripção que valesse o original; dos dotes do seu espirito melhor podeis ajuizar por essa expansão de alma, toda perfumada e sentida, a que a mimosa poetisa denominou

ADEUS

Adeus! vou deixar-te, Lisboa tão q'rida,
Levando no peito o que nunca senti;
É lei ao dever! é decreto da sorte,
É Deus que me ordena que eu sofra por ti!

Senhor! que me déste nas margens do Tejo
Momentos tão cheios de suave prazer,
Consentes que eu hoje saudosa contemple
Quão triste e diff'rente o futuro vae ser!?

Lisboa! ai, adeus! vou rever uma amiga,
Na terra formosa em que eu triste nasci;
Mentida ventura! Meu peito ralado
É todo saudades, e todas por ti!...

Adeus! vou deixar-te e talvez para sempre,
Levando em minha alma saudosa impressão.
O adeus da saudade e os crepes funereos
São hoje os ornatos do meu coração!

Ha n'estas singelas quadras muita poesia e muito sentimento! É uma prometedora estreia que deve animar a modestia da auctora a perseverar no doce commercio de estreita amisade com o loiro archanjo da poesia.

C. B.

BELLISSIMO PARALELLO ENTRE TRES GRANDES HOMENS CARLOS V, LUIZ XIV E NAPOLEÃO

«Ha de ordinario alguma cousa mais de especioso, do que de sólido, nos paralelos; no entanto é impossivel deixar de notar certas analogias e certos contrastes entre estes tres homens, os maiores da Europa moderna.

«Carlos V, que nasceu em 1500, e morreu em 1558, está separado dos bellos annos do grande Rei por um intervallo quasi igual ao que decorre

desde o apogeu de Luiz XIV até aos esplendores incomparaveis de Napoleão.

«Todos tres possuem no mais elevado grão o gosto e o génio da centralisaçāo, da unidade; todos tres vivem atormentados do desejo de prolongar além da morte a obra da sua vida, de multiplicar na sua Casa os sceptros e as corōas, e depois de se constituirem o centro das suas familias, collocar estas como futuros centros de todos os dominios, de todas as Realézas.

«Para todos tres chega a hora em que as suas estréllas descoram,— em que a fortuna vacilla,— em que o encargo do poder se torna em demasia pesado em suas mãos trémulas,— em que uma colligação formidavel de interesses ameaçados, de orgulho offendido, de nacionalidades hostis, despedeça esses planos, dissipá esses sonhos, e coloca aquellas grandes almas em presença do nada das grandezas humanas. É então que se revela mais sensivelmente a diferença dos tempos e dos caractéres.— Carlos V, filho da edade média, herdeiro quasi immediato dos valleirósos inimigos do Sarraceno e do Mouro, contemporâneo de Ignacio e de Francisco de Borja, ferido na ambição e na gloria, golpeado nos mais intimos e mais caros pensamentos do seu reinado, bem como nos projectos e previdências da sua ternura paternal,— desce do throno, entra em um claustro, e ali repousa na suave quiétacāo da vida religiosa, desenganado do mundo. Esta idéa de abdicação e de retiro nunca jámais assomaria no espirito de Luiz XIV, fossem quaes fôssem os infortunios da sua velhice. O grande Rei, typo magnifico e completo da Realeza absoluta, permanece tal até ao derradeiro instante da existencia. Cathólico tão sincero como Carlos V, muito mais culpado na vida privada, mais cruelmente ferido nas affeições de familia... nem por isso Luiz XIV é capaz de conceber esse aborrecimento da corte e do mundo, nem as repentinhas e vivas aspirações á solidão e ao mosteiro que se apoderaram do seu glorioso predecessor. Luiz XIV é de uma época e de uma natureza, nas quaes tudo se resume em uma palavra: o Rei; o Rei é elle; sabe que é Rei; querer ser Rei; e atravez do cançasso da fortuna, da derrota dos seus generaes, e da tristeza continua do seu século e do seu reinado, conserva indelével o caracter de Rei que os contemporâneos e a posteridade reconhecem unanimemente. Napoleão Bonaparte tem mil vezes mais esplendor, mais génio, mais ousadia, mais grandeza poética; mas ha n'elle o que quer que seja de inquiéto e de febril, e de não sei quê de especial que as revoluções communicam — ainda áquellos que tomam parte n'ellas para as refrearem, e que os séculos sem fé imprimem a quem os toca, embora para os dominar. O tempo de Napoleão é o dos que não se retiram ao claustro, nem sequér quando são infelizes. — nem sequér quando lutam contra as infidelidades da victoria, — nem sequér quando a águia de Cesar se converte no abutre de Prometheu — Yust, Saint-Cir, e Santa Helena, resumem, em nossa opinião, e explicam as similitanças e as differenças d'estes tres génios, d'estes tres destinos, d'estes tres desastres. — Em Carlos V, domina o christão, em Luiz XIV, o monarca; em Napoleão, o Conquistador.» (1)

(1) M. A. De Pontmartin. Nouvelles Causeries Littéraires. Paris. 1859.